

VISÕES DA MULHER NEGRA: UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA NOS LIVROS DIDÁTICOS.

Claudiana Faustino de Castro¹

Orientadora: Maria do Socorro Cipriano²

Resumo: Tomando alguns Livros Didáticos de História como espaços de produção de conhecimento, o presente artigo visa estudar os preconceitos em relação a mulher negra a partir de sua constituição de identidade e de gênero. Em análise, percebe-se como os textos didáticos omitem, negligenciam e/ou silenciam as mulheres negras quando se trata dos conteúdos fora do âmbito da escravidão, contribuindo para a legitimar as hierarquias sociais, os preconceitos raciais e de gênero que ainda vigoram na contemporaneidade. Pois, sendo o texto didático o principal suporte educacional para os alunos, os temas ali ensinados não podem ser deslocados das problematizações culturais mais amplas. Para tanto, serão analisados os livros didáticos adotados para os anos finais do ensino fundamental “História, Sociedade e Cidadania” (8º ano), sob organização de Alfredo Boulos Junior da Editora FTD. Enquanto suporte teórico, o estudo dialoga dentre outros com os seguintes referenciais: Guacira Louro; Bittercourt.

Palavras-chaves: mulher negra, gênero, marginalização, e livro didático.

Abstract: Taking some Didactic Books of History as spaces of production of knowledge, the present article aims to study the prejudices in relation to the black woman from its constitution of identity and gender. In the analysis, it is possible to see how the didactic texts omit, neglect and / or silence black women when it comes to content outside the scope of slavery, contributing to legitimize the social hierarchies, racial and gender prejudices that still prevail in contemporary times. For, since the didactic text is the main educational support for the students, the subjects taught there can not be displaced from the wider cultural problematizations. In order to do so, we will analyze the textbooks adopted for the final years of elementary education "Society and Citizenship" (8th grade), organized by Alfredo Boulos Junior of FTD Publishing. As a theoretical support, the study dialogues among others with the following references: Foucault; Chartier; Guacira Louro; Bittercourt.

Keywords: black woman, gender, marginalization, and textbook.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: Claudiana.castro123@gmail.com

² Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é Professora Dra. do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: maria.cipriano@bol.com.br

1 - Introdução:

No Brasil, a mulher negra foi marginalizada tanto durante a escravidão como após o fim da escravatura. Uma parcela das ex-escravas permaneceu sob jugo dos seus senhores servindo como ama-de-leite, cozinheiras e/ou objetos sexuais; sendo negligenciadas e vivendo em condições muito semelhantes ao período antes da abolição, explicitando assim, o gradativo processo de emancipação da mulher negra. Visto, que durante muito tempo também na historiografia, ela ainda fora silenciada.

Diante da problemática sobre como a imagem da mulher negra é traçada pelos livros didáticos, dois aspectos se impõem: a questão de gênero e identidade; ausência da mulher negra como sujeito histórico no livro didático. Intencionamos estabelecer um diálogo entre gênero e educação a partir das imagens das mulheres negras nos livros didáticos, tendo em vista que essa discussão contribuía para o processo de transformação da sociedade, caminhando para uma sociedade sem preconceitos e estereótipos discriminatórios.

As perspectivas de gênero e identidade serão trabalhadas a partir de Gonçalves (2006), Scott (1992) e Hall (2006) para pensar questões relativas a História, a gênero e a identidade que possam contribuir para a compreensão do feminismo negro. No que se refere aos livros didáticos serão trabalhados a coleção do livro de história para os anos finais do ensino fundamental “História, Sociedade e Cidadania” (8º ano) sob organização de Alfredo Boulos Junior da Editora FTD³. O apoio teórico será feito a partir de Bittercourt (2008) e Louro (1997).

2- Questões sobre história, gênero e identidade.

“As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além⁴”.

A conjuntura historiográfica de um determinado período está condicionado pelas relações políticas e socioculturais. Assim como a história, o discurso também é fruto do tempo e do espaço, as próprias relações discursivas de uma época estão correlacionadas com as produções narrativas

³ BOULOS JUNIOR, Alfredo. História Sociedade e cidadania, 8 ano. 3 ed. São Paulo: FTD, 2015.

⁴ (PERROT Apud FERREIRA & GRISÓLIO, 2016, P.85)

históricas. Por muito tempo, prevaleceu o discurso e a história patriarcal que estabelecia os lugares e percursos sociais dos indivíduos também na própria historiografia.

Porém, a história das mulheres é pensada e reivindicada na década de 1970, com a explosão dos movimentos feministas. A política dos movimentos feministas inauguram uma série de questionamentos a uma sociedade patriarcal e sexista, reivindicando um lugar para a mulher na história vivida e na historiografia, a questão era tornar-se protagonista da sua história.

Gonçalves (2006) afirma que a corrente historiográfica dos *Annales* contribui com a história das mulheres devido à valorização das práticas cotidianas, comportamentos vulgares, mentalidades de pessoas comuns e a relação entre os sexos. Em especial, a emergência da história social foi de extrema importância para a legitimidade do estudo das mulheres porque permitiu a incorporação de novos sujeitos históricos.

A ideia é pensar o gênero feminino como heterogêneo, diverso e aberto a várias pluralidades de questões. “A história social, ainda que não apenas ela, levava à conclusão de que a existência de questões étnicas, raciais, culturais impedia que se referisse às mulheres como um grupo único, homogêneo.” (GONÇALVES, 2006, p.70). A concepção de gênero está relacionada com as identidades dos sujeitos tendo em vista que os sujeitos possui identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam. Portanto, podemos dizer que o gênero aciona uma identidade do sujeito mas também sofre influências de outras identidades⁵, como a classe, a etnia, a nacionalidade e etc.

O conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade de processo pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas sociais”, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. (MEYER, 2010, p.17).

A partir de Louro (1997), partimos da perspectiva de admitir que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc., são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados" — produzem-se a partir das relações de gênero e das

⁵ Stuart Hall (2006) frisa que as identidades são mutáveis e múltiplas, dando origem as “identidades possíveis” onde os sujeitos podem se identificar com diferentes identidades..

relações de classe, étnicas, etc. Portanto, as relações sociais desempenham importantes papéis na construção da identidade de gênero, elas são moldadas pelas relações de poder da sociedade.

A identidade de gênero é polissêmica por se relacionar com outras identidades. As identidades sociais e culturais são tecidas pela política, as formas de representação e significação destas identidades são costuradas por meio de relações de poder. Na contemporaneidade, percebemos que há um padrão normativo — homem, branco, heterossexual, cristão e de classe média. — os sujeitos que não se enquadram neste padrão são rotulados de segundo sexo (mulheres) ou desviantes da norma heterossexual (homossexuais). De acordo com Louro (1997) o reconhecimento da identidade é construído a partir das diferenças, das oposições. E é a própria sociedade que estabelece as relações culturais e as normas que criam fronteiras entre o normativo e as marginalidades. Seguindo este pensamento, pensar a problemática da mulher negra envolve diversas questões como discriminação racial, as identidades e o gênero, onde o presente sujeito é pensado como um ser marginal em torno da sociedade que produz um discurso do normativo.

A incorporação das mulheres na História permite uma reflexão sobre a dita “história universal” que prioriza o padrão eurocêntrico - homem, cristão e branco - para que possamos perceber as suas nuances e questionar as definições de história, padrões e sujeitos históricos pré-estabelecidos como verdadeiros. É necessário um espaço para que as mulheres sejam representadas na história como protagonistas, e não apenas uma coadjuvante no processo histórico. Joan Scott discorre sobre esta questão:

A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. Tem tomado como axiomática a ideia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres no passado. Entretanto, desde que na moderna historiografia ocidental, o sujeito tem sido incorporado com muito mais frequência como um homem branco, a história das mulheres inevitavelmente se confronta com o “dilema da diferença” [...]. (2006, p.75).

Dentro do movimento feminista vale pensar a questão da mulher negra, pois a história das mulheres negras oscilou entre sistemas muito variados de exclusão, de tolerância e de banalização perpassando esferas racistas e sexistas. A corriqueira associação entre a mulher negra e a escravidão já é um indicador que é preciso pensar o enegrecimento do movimento feminista. “Pensar a história das mulheres negras é refletir como esse sujeito social foi historicamente construído a partir destes embates e estratégias de sobrevivência na diáspora, nas sociedades pós-coloniais racializadas.” (CARDOSO, 2008, p.6).

Louro (1997) afirma que a primeira onda do feminismo tinha como objetivo as reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões, e estavam ligados aos interesses das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas foi seguido de uma certa acomodação no movimento. A supremacia branca é posta até mesmo nos discursos feministas quando estes privilegia estudos onde é tomada como sujeito a mulher branca, rica, heterossexual e intelectual, negligenciando a mulher negra. É importante pensar a mulher negra como sujeito histórico que participou ativamente da construção da história mesmo vivendo como sujeitos marginalizados.

O pensamento feminista negro consiste em teorias ou pensamentos especializados produzidos por intelectuais afro-americanas, desenhados para expressar o ponto de vista das mulheres negras. As dimensões deste ponto de vista incluem a presença dos temas centrais característicos, a diversidade das experiências das mulheres negras em encontrar estes temas centrais, a variedade da consciência feminista afrocêntrica das mulheres negras em relação a estes temas centrais e suas experiências com eles, e a interdependência das experiências, consciências e ações das mulheres negras. (COLLINS apud CARDOOSO, 2008, p.4).

É importante salientar que é a partir de discussões de gênero e identidade que a mulher negra pode buscar um espaço para construir um lugar social sem preconceitos e marginalizações. O feminismo negro é importante ser pensado e discutido por trazer uma série de questões sobre a marginalização social, o racismo e o próprio sexismo.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA apud TOKITA, 2013 p.127).

De acordo com Scott (1992) a história das mulheres requer uma narrativa complexa que combine a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história. Tomando este pensamento como base, chegamos à conclusão que a história das mulheres negras é ainda mais complexa porque pensar a mulher negra envolve questões amplas como o racismo, a marginalização e o sexismo decorrente de uma herança de uma sociedade racista e patriarcal. Esperamos uma História que contemple os sujeitos históricos e recortes⁶ de sua

⁶ Partimos do pressuposto que não é possível realizar uma História que contemple as experiências de vida na sua integridade. Pois, o historiador por trabalhar com a experiência humana, tem como fonte essencial, os registros deixados pelos homens ao longo do tempo, visto que as fontes são incompletas e seletivas. Resultamos em recortes históricos e um método qualitativo. In: GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das letras, 2014. p.143-179.

experiência de vida, incluindo as mulheres negras, para que possamos tecer uma Historiografia justa e mais preocupada em desconstruir preconceitos arraigados no meio acadêmico e social.

2 - Visões da mulher negra no livro didático

Segundo Bittencourt (2008), o livro didático é o principal material didático disponível para os professores e principalmente para os alunos, sendo este na maioria das vezes um único livro que possui em casa. O livro didático é um depositário dos conteúdos escolares, servindo como intermediário entre o saber acadêmico e o saber escolar. Apesar disso, vale lembrar também o seu caráter de mercadoria que obedece a regras e técnicas da lógica do mercado editorial. Por isso, não esperamos que o livro didático de História seja perfeito e que desempenhe a função do professor, a proposta é pensar um livro didático que promova reflexão e participação dos alunos a partir de seu meio social, e conseqüentemente os significados e sentidos de estudar História. Ele não deve ser tomado como uma fonte inocente e neutra, mas como um espaço de relações de forças, perpassado por discursos que podem ajudar a formular identidades.

Nas últimas décadas, pesquisadores apontam para a forma como a imagem do negro aparece no Livro Didático. Temos como exemplo, o livro de Ana Célia da Silva “A representação social do negro no livro didático” que destaca as representações sociais imagéticas e textuais dos negros nos livros de Língua Portuguesa entre a década de 1980 e 1990, pontuando alguns retrocessos e avanços. Salienta no decorrer da sua escrita que os livros didáticos de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental da década de 90 continuam invisibilizando o negro. Por outro lado, pontua que apesar da baixa frequência de representação do negro, há um avanço quanto a imagem humanizada dos personagens negros, importante ação para ajudar a criança negra na construção de sua autoestima e identidade étnico-racial.

Tomando como base os livros didáticos adotados para a disciplina de história, a questão problematizada neste trabalho visa uma abordagem sobre como as imagens da mulher negra, seus valores e suas culturas neles são retratados. Analisar como os textos e as imagens são vinculados aos conteúdos, correspondentes aos seus respectivos níveis escolares, para identificar se há distanciamento daquela visão estereotipada que relaciona a história do negro apenas com a escravidão. Pois, é preciso pensar uma história feminina e negra a partir de outra perspectiva, de outros valores. “A mulher negra pode ser incluída no conteúdo escolar sem ser tratada apenas como

escrava doméstica e sexual.” (ALVES & MAIA, 2016, p.6). A visão constituída sobre ela apenas como coadjuvante no processo histórico não deve ser naturalizada.

No primeiro capítulo “Africanos no Brasil: dominação e resistência” do livro “História, Sociedade e cidadania” traz uma fotografia da ginasta olímpica Daiane Garcia dos Santos com outras três fotografias de homens negros: o historiador Ubiratan de Castro, o cientista Milton Santos e o cantor Rappin Hood. Tais fotografias são acompanhadas da seguinte proposta de atividade “observe as fotos dessas personalidades. O que elas têm em comum? Quais delas você conhece? Você tem acompanhado a contribuição delas à vida social Brasileira? Teste seus conhecimentos; escreva no seu caderno o nome e trabalho desenvolvido por elas.” (BOULOS, 2015, p.21). Qual relação da fotografia com o título “africanos no Brasil: dominação e resistência”? e porquê é posta apenas uma foto de uma mulher diante a três homens?

Para responder tais questões, é preciso salientar que os textos posteriores àquela fotografia explicam o trabalho escravo a partir da perspectiva de dominação e resistência. Então, a relação da fotografia com o tema proposto não é pertinente, pois o teor textual subentendendo uma relação de sinônimo entre o negro e a escravidão, apesar de citar brevemente algumas práticas culturais na perspectiva de resistência. “Eles resistiam praticando religiões de origem africana, jogando capoeira; promovendo festejos, como o congado, o reisado, o jongo e fundando irmandades.” (BOULOS, 2015, p.21). E por que é posta apenas uma foto de uma mulher diante a três homens⁷? Cabe informar que ainda vigora nos livros didáticos uma história mais universal mesmo que sutilmente – em síntese, “uma história dos grandes feitos e heróis, dos homens cristãos e brancos”. Bittercourt (2008) explica esta questão:

[...] o livro didático é um importante *veículo portador de sistemas de valores, de uma ideologia, de uma cultura*. Várias pesquisas como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores de grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa. (pág.. 72)

Convém frisar que ambos personagens negros pertencem a classe média alta e usufrui de prestígio social devido ao *status* de artista ou intelectual. Silva (2011) salienta que há um movimento de visibilidade e humanização dos personagens negros na representação dos livros didáticos que privilegiam, em grande parte, o negro de classe média e a família nuclear negra de poucos filhos. Portanto, neste caso, a imagem representada é distante da realidade das crianças



negras, que muitas vezes, estão inseridas em um universo de pobreza e discriminação racial. No entanto, é importante observávamos que de acordo com Bittencourt (2006) que os autores dos livros didáticos perderam o poder sobre as ilustrações de suas obras. Atualmente, existem especialistas em pesquisa iconográfica contratados pelas editoras para desenvolverem essa parte específica da produção do livro.

Na seção “Atividades- leitura e escrita em história” há a proposta de atividade que consiste em observar a imagem (figura A) e responder a várias questões, como “você considera importante haver bonecos e bonecos de diferentes tons de pele em um país como o Brasil? Por quê? [...] As bonecas/ os bonecos expostas(os) se parecem com as crianças de diferentes partes do Brasil?” (BOULOS, 2015, p.28). A proposta é interessante porque pensar a diversidade no Brasil a partir das brincadeiras de criança. O livro também traz um comentário de apoio ao professor na questão que salientar “sugerimos que se leve os alunos a refletir sobre a importância de as crianças brincarem com bonecas/bonecos parecidas (os) com elas. Isso poderá ajuda no fortalecimento de autoestima da criança, bem como na construção da sua identidade.” (BOULOS, 2015, p.28).

Figura A⁸:



A proposta é interessante porque pensar a diversidade no Brasil a partir das brincadeiras de criança. O livro também traz um comentário de apoio ao professor na questão que salientar “sugerimos que se leve os alunos a refletir sobre a importância de as crianças brincarem com bonecas/bonecos parecidas (os) com elas. Isso poderá ajuda no fortalecimento de autoestima da criança, bem como na construção da sua identidade.” (BOULOS, 2015, p.28).

⁸ BOULOS JUNIOR, Alfredo. História, Sociedade & Cidadania, 8 ano. – 3 ed. São Paulo: FTD, 2015. pp. 28.

É importante ressaltar a participação popular na história, e sobretudo da mulher negra, por ter sido tão marginalizado ao longo da história vivida e escrita. Pois, Silva (2011) alerta que mulher negra é mais discriminada que o homem negro. Os livros didáticos induzem os/as alunos/as a perceber o valor da sua história e da sua cultura, e especialmente, o reconhecimento como sujeitos históricos. O livro didático influencia diretamente na formação da identidade de uma criança, como ela vai se afirmar e se opor diz muito sobre os valores que são ensinados. De acordo com Alves e Maia (2016), é mais suscetível uma criança se auto afirmar com orgulho como mulher negra quando sua importância para a história nacional vai além da tradição escravocrata e seus valores culturais são ressaltados.

Ver-se representado de forma positiva e aproximada do real desenvolve na criança um sentido de existência, de positividade, de pertença às categorias de humano e cidadão, porque ela passa a ver-se como existente nessa representação, que para ela corresponde ao real. Ao reconhecer-se e ser visibilizada, a criança desenvolve o amor ao seu semelhante étnico. Também as crianças de outras raças/etnias, começam a ver a criança negra sem os estigmas inferiorizantes, passando a reconhecer suas diferenças sem hierarquias, respeitando-a e interagindo com ela no convívio escolar e fora dele. (SILVA, 2011 p.137-138.)

Na seção “atividades- você cidadão” é exposto um texto “as mulheres de tabuleiro de ontem e hoje”⁹ e logo em seguida, traz algumas perguntas, como: “o comércio de rua (incluindo-se a venda do acarajé) foi importante na história das famílias negras?” o ofício das baianas do acarajé pode ser considerado como uma ruptura ou uma continuidade?” (BOULOS, 2015, p.31). O próprio título é provocativo quanto aos termos “ontem” e “hoje” e a segunda pergunta aciona mais uma vez a provocação. O que devemos salientar é o intuito de despertar no aluno a noção que a história está diretamente relacionada com a perspectiva de continuidades e descontinuidades¹⁰. Outras questões são acionadas como a autonomia econômica e familiar da mulher negra.

Às mulheres negras não coube experimentar o mesmo tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas de elite até início do século XX. Tampouco seu espaço de atuação foi unicamente o privado, reservado às bem-nascidas, uma vez que, pobres discriminadas, se viram forçadas a lançar mão de uma gama de estratégias para

⁹ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/08/acaraje-e-elemento-central-da-cultura-afro-brasileira> acesso em: 11 out. 2017.

¹⁰ Nós baseamos na proposta de Jacques Le Goff ao enfatizar que a História é produzida a partir da ideia da continuidade e ruptura. “Privilegio a dupla continuidade/ virada em prejuízo da noção de ruptura. A história transcorre de modo contínuo.” (LE GOFF, 2008, p.54)

sobreviver e fazer frente aos desafios cotidianos.

A chegada do novo século encontrou-as trabalhando como pequenas sítiantes, agricultoras, meiras, vendedoras de leguminosas e demais produtos alimentícios nas ruas das cidades brasileiras. **Muitas delas viviam em lares sem presença masculina, chefiando a casa e providenciando o sustento dos seus. Outras trabalhavam para famílias de mais posses como criadas para todo o serviço. Algumas haviam conseguido acumular patrimônio, formar núcleos familiares estáveis, criar redes de solidariedade e comunidades religiosas. Ao contrário do prescrito para a mulher idealizada da época, as negras circulavam pelas ruas, marcando a seu modo presença no espaço público.** (NEPOMUCENO apud FERREIRA & GRISOLIO, 2016, p. 76-77) grifos nossos.

Exceto as visões que foram citadas, nos decorrer do livro a mulher negra só aparece como uma escrava. E falar da mulher negra apenas como escrava — expostas a humilhações e opressões nas péssimas condições de trabalho e violências sexuais e etc., — é abrir espaço para criar um universo em que a identidade negra é invisível e seus valores culturais são apenas marginais para a sociedade. “[...] a discriminação racial começa quando os negros não recebem o devido enfoque nos livros didáticos [...]” (ALVES & MAIA, 2016, p.4). De acordo com Bittencourt (2008) o livro didático desempenha a função de reprodução de ideologias e saberes oficiais impostos por determinados setores do poder e pelo Estado. Portanto, podemos dizer que a seleção de alguns conteúdos e sujeitos históricos e como serão trabalhados é policiado constantemente por instituições de poder para disseminar discursos normativos.

No décimo terceiro capítulo “Abolição e República” na seção para “saber mais” com o título ‘os homens de luta’ para destacar a atuação dos homens negros na luta pela abolição da escravatura. O diferencial destes homens negros é sua posição social — elite negra e intelectual. Percebemos que há uma ideologia dominante que privilegia a representação de uma pequena elite masculina negra. Então, é contra a lógica homogênea discursiva dos livros didáticos destacar mulheres importantes na luta contra a escravidão. A Dandara dos Palmares poderia ser um ótimo exemplo para discutir a participação feminina negra na luta pela abolição, deveriam ser mostradas como protagonistas do processo histórico, porém são silenciadas.

Com a homogeneização dos discursos presente nos livros didáticos que privilegia uma associação relacional entre a identidade feminina negra com o passado escravocrata é prejudicial para o ensino de história que é responsável pela reflexão e compreensão dos seus costumes e valores sociais como também pela constituição e identificação de identidades, isto é, uma

constituição de identidade por meio de noções de memórias coletivas a qual os discentes sintam-se sujeitos de sua própria história¹¹.

Dessa forma, a partir das análises aqui brevemente apresentadas, buscamos perceber as visões elaboradas a respeito da mulher negra no livro didático “história, Sociedade e Cidadania” e seus possíveis desdobramentos para aquisição do conhecimento histórico pensado sobre a questão de gênero e identidade.

Conclusão:

Tendo em vista os aspectos mencionados ao longo dessa discussão entende-se que o diálogo estabelecido no presente artigo aponta para o desejo que os alunos possam usufruir de um livro didático mais reflexivo que pontue questões relacionadas a mulheres negras correlacionando com a identidade e gênero, discussão importante para constituição de um cidadão crítico que esta cosciente e respeite as diferenças. E além disso, pensar a mulher negra no livro didático abre espaços para problematizar questões pertinentes ao gênero, a identidade e a educação, alimentando o meio acadêmico com discussões que visem contribuir para soluções para o âmbito social.

O livro didático de História, mais precisamente o citado, que concerne à coleção História, Sociedade e Cidadania”, explicita que os materiais adotados nas escolas transmite aos indivíduos, como um material didático que apresentou aspectos favoráveis e desfavoráveis as visões das mulheres negras. Quanto as aspectos positivos, esperamos que possam contribuir para a construção de um identidade de mulher negra como também desempenhar a função de solapar estereótipos e mitos históricos. Aos aspectos negativos, ansiamos uma transformação e reformulação pensando em não reproduzir “deslizes” nos livros didáticos, e que discussões acadêmicas e sociais reivindiquem que livros didáticos de história sejam mais reflexivo e menos tendenciosos a reproduzirem discursos padronizados e dominantes.

As personagens negras femininas podem e devem ser mostrada e valorizada para que haja uma reeducação escolar que promova o reconhecimento da importância da mulher negra para a História, e também contribua para a formação de uma sociedade que cultivem o respeito à diferença.

Referências bibliográficas:

¹¹ De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Histórias— PCN’S. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf acesso em 16 out. 2017.

ALVES, Letícia Thaynã de Queiroz. MAIA, Renata Leidiane Oliveira. A mulher negra no livro didático. In: **X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**. Universidade Federal do Acre, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/848/446> acesso em 09 out. 2017.

BITTERCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: contexto, 2008. Pp.69-90.

CARDOSO, Cláudia Pons. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. In: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de ago. de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Claudia_Pons_Cardoso_69.pdf acesso em 09 de out. 2017.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 154 pp.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Pp.07-22.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf> acesso em 10 out. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. - Petrópolis: Vozes, 1997. 179 pp.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: GOULLNER, S., LOURO, G.(orgs.) **gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. P.9-27.

NAVARRO-SWAIN, Tania. A história é sexuada. In: RAGO, M. MURGUEL, A.C. (orgs.). **Paisagens e tramas: o gênero entre a história e arte**. São Paulo: Intermeios, 2013. pp.51-60.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). Tradução de Magda Lopes. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. Pp. 63-96.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou ? por que mudou?**. – Salvador : EDUFBA, 2011.182 p. disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8688/1/Ana%20Ceia%20da%20Silva.pdf> acesso em 09 de out. 2017.

TOKITA, Márcia Figueiredo. Mulheres negras. In: **V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina: “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”**. 2013. Pp. 120-134. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_marcia_GVII.pdf acesso em 09 de out. 2017.